



GIL VICENTE

Semanao monarquico-integralista
(Literario e Noticioso)
Orgão e propriedade da
Junta Municipal de Guimarães
Redac. e Adm.: AVENIDA DO COMMERÇIO

VISITAÇÃO
*Pardiez! siete arrepolones
Me pegaron a la entrada
Mas yo di una puñada
A uno de los rascanes
VAQUERO*

Director:
D. José Ferrão.
Adm. e Editor:
Domingos F. Guimarães.
Comp. e imp.: MINERVA RIBEIRO
Rua de Gil Vicente, 34 e 36—GUIMARAES

A' LUZ DA IDEIA

Não me limito já, como Leone, a interrogar os conservadores sobre os seus planos de salvação colectiva, e a disparar sobre os muros adidos das modernas Babilônias o ar te inflamado na revolta de objurgatorias incendiarias.

No decorrer vertiginoso de alguns anos de luta e de triumpho, seria simplesmente irrisório perguntar á burguezia democratica quem poderá deter os passos de um socialismo avassalador, que tudo parece esmagar já hoje numa enorme maré rubra de ameaça e de promessa.

Cada dia que passa sobre a falência liberalista, cada nova conferencia internacional de velhos gatos-pingados mastigadores de interesses, cada brusco solavanco na ferrugenta maquina economica do capitalismo, mais alto se levanta o prestigio da ideia sindical, mais força ganham os nossos argumentos corporativos, mais rapidamente se caminha para um novo estado de coisas, para uma Ordem Nova que terá de interpor, entre o liberalismo e o corporativismo, vinte séculos de civilização cristã.

Neste simples preâmbulo do meu louvor e da minha saudação ao sindicalismo e aos sindicalistas, eu quero apenas afirmar a força e a certeza no triumpho de uma ideia tão velha como a humanidade, tão nova que em cada primavera social reverdece na mimosa floração das maíãs, na seiva prometedora da seara e da vinha.

Ah! O velho tronco reverdecido! Como tem sido tenaz e heroica a luta contra o temporal capitalista que a democracia desencadeou!

Suas raízes fortes e eternas mergulham fundo na terra onde apodrecem mil gerações de trabalhadores, e a negridão da leiva fecunda se transfigura e ilumina de um rosado amor maternal, sentindo a sofreguidão ansiosa das raízes que a procuram numa ternura infinita.

Que importa ao velho roble corporativo que a violência do vendaval medonho esfrangalhe os últimos ramos da sua passada grandeza, e triture e esmague na fúria destruidora dos tufões os próprios braços fortes em que se apoiaram galhos tenros sob o manto verde de muitas fôlhas?

Agarradas á terra farta que no passado lhe deu prosperidade e vida, as raízes sentem no

ranger dolorido do tronco a angustia tremenda do inverno triste que ruga sobre o solo, e adivinham para lá das tempestades arrasadoras, a nova primavera das coisas e das almas.

E' então mais amoroso e sófrego o seu beijo á leiva fecunda que se oferece, e das negras entranhas sobe na seiva heroica um cântico de esperança feito de ideal e de acção, um hino muito alto á eterna harmonia corporativa em que os povos encontram a consciencia de si mesmos para maior glória de Deus.

Para maior glória de Deus e da Pátria abrimos o peito a golpes de sacrificio; a mancha sangrenta do resgate alasta sobre o fundo azul-e-branco da Ideia, aspirando jactos rubros abraçados de revolta. Entre um ceu impassível e a aparente calma da terra, representa-se o ultimo acto da grand' tragédia dos tempos modernos: á luz artificial de uma imunda civilização de egoísmos e de torpezas, os derradeiros sicários da matéria sugam o sangue variolado de uma sociedade podre, e a bacanal hedionda em que o capitalismo estrebuchou, tem, no lampejar hostil das bobonetas que lhe garantem a orgia, o mesmo baço odioso e metálico de um debochado enxame de varejeiras sobre a purulencia de uma chaga. Mas entre o ceu e a terra — nesta soturna paz em que a democracia parece rilhar a própria madre — os homens de fé e de boa-vontade esperam e confiam.

Esperam; e a semente da Ideia-Nova fructifica na seara rubra do Sindicalismo. Confiam; e o velho tronco reverdecido ergue-se para os ceus em ramos de glória, e é como se em cada folha verde uma nova palavra surgisse de Verdade, e em cada galho tenro um alto amor cantasse a harmonia corporativa sob a égide eterna da Monarquia. Assim nós cantamos, com o peito em sangue, a flôr rubra da grande sementeira: ela é já como uma aurora aos nossos olhos de semeadores, a grande Seara-Nova dos que tem fome e sede de Justiça, ela é o Pão, e a Graça, e a Bênção de Deus.

Cezar A. d'Oliveira.

INTEGRALISMO!:

—escol magnifico de vontades e intelligencias unidas ao serviço de uma ideia que é a imagem viva de Portugal livre, emancipado, dignificado e redimido.

GUIA DE PORTUGAL

Comunica-nos a Biblioteca Nacional de Lisboa que vai publicar um guia do viajante no país, sendo a obra distribuida em dois volumes, largamente illustrados e de quinhentas páginas cada um.

Foram convidados a colaborar neste trabalho os illustres escritores: Dr. José de Figueredo, Antonio Augusto Gonçalves, Dr. João Barreira, Antonio Arroyo, Dr. Júlio Dantas, Luciano Freire, Raul Brandão, Dr. Afonso Lopes Vieira, Dr. Reinaldo dos Santos, Dr. Silva Telles, Gustavo de Matos Sequeira, Joaquim Rasteiro, Alfredo Guimarães, Vieira Guimarães, Tude de Souza, D. João de Castro, Dr. Antonio Sardinha, Dr. João de Barros, Dr. Jayme Cortezão, Luiz da Camara Reis e Antonio Sérgio.

Para escrever os artigos sobre Guimarães, Caldas das Taipas e a Citânia de Briteiros foi convidado o illustre escritor, nosso conterraneo e presado amigo, sr. Alfredo Guimarães.

Poetas & Prosadores

SALVEMOS A RAÇA,
pelo P.º Antonio de Oliveira.
Edição do Autor.

Salvemos a Raça é um livro de propaganda em prol da regeneração dos nos os costumes e o inicio de uma vasta obra que o seu autor vai lançar á luz da publicidade. É um livro muito util e interessante onde, com conhecimento profundo, se apontam as causas da degenerescencia da raça e, portanto, com grito de alarme que o autor de-ja levantar contra os terríveis flagelos que actualmente degeneram e reduzem as energias vitais da Raça, e isto com o fim de sacudir a indifferença sceptica em que todos e imos.

Nos seus vários capítulos são devidamente estudados os factores da nossa degenerescencia e, o que é mais util ainda, apontados os remedios para o decorecimento do mal.

Baseado em pensamentos de boa lógica, aproveita os para as suas descrições das causas e dos efeitos, com um poder maravilhoso de fulminar e submeter como o verbo ardente de Moisés, no Sinai... a pompa e o lirismo de um cântico da Iliada; que fosse, ora um treinando *Dies irae*, horripilante e plangente como um dobre de finados, ora um exultante *Te Deum*, alegre e festivo como um hino de glória cantado por todos os serafins e querubins do Ceu!

A. O.



NO REYNO DO ENCANTO

Mora num Reyno um Principe Real
Que é ainda a esperança duma Raça.
(Que Deus, Nosso Senhor,—Santo—O faça
E O guie na volta a Portugal!)

Nesse Reyno do Encanto, diuinal,
Mora embalado em Sonhos, todo em graça...
—Vem salvar uma Pátria da Desgraça,
O' louro aventureiro do Graal!...

Não se parece a mesma, está mudada,
A lusitana Terra-abençoada,
Desde o dia que foste para ai...

Até choram os rios—Tejo e Douro;
Principe esbelto de cabelo louro
Sant'Iria tambem chora por ti!

Ruy Galvão de Carvalho.

(Do livro em prep.: «NO REYNO DO ENCANTO».)

Exposição Industrial e Agricola

... A MODA ATACANDO ...
... COSTUMES DO TRAJO POPULAR ...
DETURPA O MELHOR SENTIDO DA ARTE

O tamanquinho e a chinellinha de Guimarães foram célebres. Dêles nos falamos cronistas que fizeram a reportagem da inolvidavel Exposição Industrial de há 39 anos:

«... E' preciso sustentar e auxiliar a tradição do popularissimo tamanco e da pitoresca chinella. O povo sabe muito bem que não há vantagem na troca... principalmente para a vida da aldeia; e a nossa lavradeira ficará sabendo que perde uma parte do seu donaire, um elemento essencial do seu trajo, abandonando o tamanquinho ou a chinella recortada, pespontada, cheia de recamos, bordados, pregas e flocos, que condizem admiravelmente com o belo avental, a formosa saia e o lenço de estado.»

Simplemente estes conselhos, aliás dados em boa literatura, foram desprezados pelos Nicolau Gonçalves, Jerónimo Félix, Simão Ribeiro, Ribeiro Pita e outros industriais que foram ao certamen de 1881.

Escrevia outro culto observador da Exposição no palacete do Cavalinho, em 81:

«Há... tamancos marchetados com vivos de cores variegadas e borlas de setim... etc. Demais, o tamanquinho de bico de polimento, ornamentado de labores e flocos de seda, constitue um pormenor formosissimo do trajar das nossas camponesas, garridas e garbosas desses atavios que ainda conservam o caracter de cada provincia e de cada região.»

Por sua vez assim apreciava o tamanquinho e a chinellinha populares o nosso saudoso e cultissimo vimezanense dr. Avelino da Silva Guimarães:

«... Este ramo de industria vai decaindo sensivelmente, porque a moda impôs outras especies de calçado, preservativo do frio e da humidade.»

No tempo em que os cavalheiros do Minho tinham os austeros costumes e a vida intima nos palacetes das povoações rurais de que eram centro... o tamanquinho bem forrado, de forma e ornatos pitorescos pompeava não só nos arruamentos dos jardins, como nas salas. (1)

Ao menos o lavrador, este depositario mais fiel das tradições

(1) O ultimo exemplar vivo desse costume foi entre nós o falecido Visconde de Nespereira.

Guimarães em foco

O Diário de Notícias, de Lisboa, publicava no passado dia 20 o seguinte artigo:

I

A cultura do linho

UMA FONTE DE RIQUEZA votada á mais condenável das indiferenças ao mais absurdo dos desaproveitamentos:

Não admite duvida que a industria do linho, ainda que não se estendesse por outras regiões do país, que a ela se não têm dedicado, constitui uma importantissima fonte de riqueza, que a mais condenável das indiferenças têm deixado desaproveitada, apesar do impulso que lhe deu o grande ministro, ha muito falecido, Emidio Navarro, a quem a agricultura deveu uma organização que, por não ter tido sequencia, não pôde ser devidamente apreciada para se conhecer como, nos seus efeitos, corresponderia á visão que esse estadista concebeu do nosso futuro industrial.

Os algarismos dos calculos apresentados pelo autor do artigo que me inspirou a presente comunicação, o engenheiro agronomo João da Mota Prego, são sufficientemente elucidativos do desperdicio de tantos anos, representando hoje um enorme valor perdido. (1)

A CULTURA DO LINHO E A SUA INDUSTRIA CONSTITUEM UMA EXCELENTE FONTE DE RIQUEZA PARA TODOS OS QUE NELAS COLABOREM

Para não tornar fastidiosa a leitura com a reprodução de numeros, aliás interessantissimos, que nesse artigo se encontram, basta que me limite a fazer referencia aos que, postos em confronto, dão bem a medida do prejuizo que este estado de coisas tem acarretado, e de como poderia facilmente evitar se.

A fição de 200 quilos de linho (produto de 600 quilos de filação, em que se pode reputar a produção de um hectare) custava naquella data, (agosto de 1922), a 4.200.000 reis o quilo, 800.000.000 reis. A fição de 350 quilos de estopa (produto daqueles 600 quilos de filação) a 2.800 reis, impor-

(1) Enquanto o algodão, pelo seu baixo preço, suplantou o linho, foi naturalmente e successivamente decaindo a industria deste; mas, desde que aquele subiu de preço, attingindo a grande elevação que hoje accusa, é para admirar que os subidos lucros, que naturalmente da cultura do linho se podem haver, não tenham tido lugar a um consideravel desenvolvimento da respectiva industria.

e velhos usos populares, não abandonou ainda o uso do tamanco. Esta especie de calçado, perseguido e expulso das populações urbanas, acocita-se no campo, nos casais e nas cabanas.

Assim era apreciado o popularissimo tamanco e a não menos popular chinela. Elogiados, exaltados na sua arte e na sua utilidade, anda o seu uso em guerra aberta com a Moda—essa dama impertinente, inconstante, volúvel, que nenhuma tradição, costume ou sequer conveniencia social respeita, porque ella propria a si se combate e agride, seduzindo e impondo hoje, para aborrecer e destruir amanhã.

ta em 980.000 reis. Total das duas: 1.780.000.000 reis, que, comparados só com 7.000.000.000 reis, custo do fio de linho de Inglaterra, a 35.000 reis o quilo (preço de então) ou 6.200.000 reis, abattida a fição, representam uma diferença (que hoje deve ser muito maior) de 4.420.000.000 reis, sem meter em conta a estopa, que tem um valor importantissimo, e apesar de ser menor o valor do fio de fição domestica do que o importada, obtido nas boas fabricas de fição.

Por outro lado, dando ao linho fiado o valor de 25000 reis e á estopa o de 14000 reis, nos quais se inclui o custo de produção da planta e das manipulações varias por que o fio passa até entrar no tear, e sendo certo que um quilo de fio produz 2 ou 3 metros quadrados de pano, chega-se á conclusão de que aqueles 200 quilos de fio se valorizam por 7.420.000 reis (6.200.000.000 reis—1.280.000.000 reis da fição) justificando a affirmacão de que a cultura do linho e a sua industria constituem uma excelente fonte de riqueza para todos que nela colaboram, desde o agricultor, que o cultiva, até ao operario que o transforma em pano, conservando sempre o caracter de industria domestica. (2)

UM ENTRISTECEDOR EXEMPLO DE INURIA—MAQUINAS PARA ENSINO ENPACOTADAS HA 35 ANOS!

Evidenciada a importancia da cultura e industria do linho (fição e tecelagem) que tão abandonadas têm estado, não posso deixar de registar aqui um facto—que, creio, estará ignorado—demonstrativo da criminosa incuria a que se tem votado uma origem de riqueza que evitaria a drenagem de avultadas somas com a importação da mercadoria estrangeira.

Faço o registo ou citação, transcrevendo do referido artigo as proprias palavras com que o seu autor frisa e verbera o facto. São ellas bem significativas.

Depois de aludir ás escolas industriais que Emidio Navarro estabeleceu em diferentes centros, orientadas segundo as industrias, neles existentes, acrescenta:

«Dotou Guimarães tambem com uma escola industrial, mandando vir maquinas diversas, algumas das quais para a preparação da filação do linho e sua fição; pois ha trinta e cinco anos que essas maquinas que-

(2) O jornal ganhou pelas mulheres empregadas na tecelagem do lino e da estopa roçula por 38000 reis, na razão, respectivamente, de 460 reis e 630 por metro e na de 3m,3 e 4m,5, que tocam por dia. Estes jornais são tidos como altissimo remuneradores.

Pois no caso dos dois tipos de calçado á pena que assim se lhe submeta. Vai-se a *tarroucar* do tamanco e mais o *rape-rape* da chinela, e é pena! O sapato e mais a bota com toda a sua urbanidade de gente civilizada, vem dum maneira avassaladora conquistando os dominios dos pés.

... Ainda há dias nós viamos umas fitas de lindas cores, em seda, que o avô do proprietario da Fábrica do Arquinho fabricava e serviam para enfeitar chinelinhas e tamanquinhos graciosos—como já se não fazem hoje.

E faz pena, creiam!

A. L. de Carvalho.

dam imóveis, empacotadas como vieram; a industria do linho paralisou, se não retrocedu, e os industriais fabricis continuam a importar fio de linho da Inglaterra, á razão de quarenta a cinquenta mil reis o quilo.

Não seria sensato pôr essas maquinas a funcionar com vantagem para os alunos da escola industrial e para a industria, visto que em Portugal não existe esta fição?

Não seria este o meio de valorizar um capital morto que está em riscos de se perder sem que a ninguém aproveite?

«O que se ensina na escola industrial de Guimarães, conceelho onde tantas industrias se exercem: fição de algodão, tecelagem, cortumes, cutibéria, sapataria, pentes, ourivesaria, marcenaria, etc., industrias que valem milhares de contos?»

Como vem em auxilio destas industrias a escola industrial? Ensinando por tuguês, francez, geografia, historia, fisica, quimica, aritmetica, geometria, desenho oramental e de maquinas etc., como em qualquer liceu.

E aqui está como por este país fóra se esbarrou pela mais criminosa incompetencia a obra dum grande estadista.

Ha 35 anos, empacotadas, como vieram, as maquinas que Emidio Navarro mandou vir para a escola industrial de Guimarães!

Seria inacreditavel, se não fôsse e estupendamente uma verdade flagrante.

E fala-se, para conjurar a crise em que nos debatemos, em... economias!

Carlos Augusto Borges de Sousa (agronomo.)

II

Dois dias depois o mesmo Diário de Notícias publicava a seguinte carta:

As maquinas, que se encontram abandonadas, em Guimarães, já estão de sencaixotadas em preparação

Recebemos a seguinte carta cuja publicação nos é pedida:

Sr. Dr. Augusto de Castro. — Em o numero de hoje do conceituado «Diario», superiormente dirigido por V., num artigo do Ex.^{mo} Agronomo sr. Carlos Augusto Borges de Sousa, diz-se que em Guimarães estão empacotadas, há 35 anos, as maquinas mandadas vir para a Escola Industrial daquela cidade.

Não é inteiramente exacta a informacão do sr. Borges de Sousa: esse material está hoje desencaixotado e está sendo convenientemente reparado para ser posto a funcionar em o ano lectivo proximo.

Seria longa a historia a fazer dessas maquinas e das vicissitudes por que passaram, desde o dia em que, em bons tempos que já lá vão, um ministro das Obras Publicas, Comercio e Industria, se lembrou de ceder o edificio destinado ás oficinas da Escola, para nele se instalarem serviços do Ministerio da Guerra.

Só ha bem pouco tempo, quando a pasta da Guerra estava confiada ao Ex.^{mo} Sr. coronel Estevam Aguas, pôde o Ministerio do Comercio reaver o edificio e nele fazer as obras indispensaveis para a installação da escola e oficinas.

Estas obras, quasi concluidas, permitirão que a proxima Exposição Regional de Guimarães se efectue nesse edificio e o actual ministro do Comercio, que não descursa as necessidades do ensino técnico, concedeu já a verba necessaria para a reparação e installação do maquinismo a que se refere o sr. Borges de Sousa. Se a V. parecer conveniente

FESTAS GUALTERIANAS

Continuam os preparativos para as grandes Festas da Cidade, principiando já as ornamentações de algumas ruas, e tanto bastante adiantados os trabalhos na rua de Paio Galvão e Jardim Publico.

A Exposição vai constituir o maior e mais notavel acontecimento dos ultimos tempos na nossa terra. Composta de 30 secções, divididas em 60 classes, compreendendo secção industrial, secção agricola, secção de industrias caseiras e secção de bordados, a ella concorrem 300 expositores. A Exposição Industrial e Agricola estara aberta de 4 a 20 de Agosto e não de 4 a 31 como a principio foi annunciado.

A abertura solene da Exposição assistirá S. Ex.^a o Sr. Ministro do Comercio, abrihantando este acto o di-tinto Orfeão de Guimarães, que, sob a regencia de Ribeiro Dantas, cantará o seguinte programa:

Hino da Cidade—Vasco Leão.
Ode ao Trabalho—Letra do P.^o Gaspar Roriz e musica de Ribeiro Dantas.
Portugal é lindo—(Canção)—A. Lega.

A noite, no recinto da Exposição, concerto pela Banda do Regimento de Infantaria n.^o 20, com o seguinte programa:

I PARTE

Marcha Gualteriana ...	J. Neuparth
Le Carnaval Romain —	
Ouverture—	Berlioz
Bosque Misterioso (Fantasia) ...	R. Dantas
Polonaise n. ^o 14 ...	Ogin ky
Otello (Opera) ...	Verdi

II PARTE

Tomada de Moscou (1812)	
Ouverture—	Technikowsky
Dança Polaca n. ^o 2 ...	Scharwenka
Rapsodia n. ^o 5 ...	R. Dantas
Hino da Cidade ...	V. Leão

A Marcha Milaneza, outro numero de surpreendente efeito, que percorrerá as ruas da nossa cidade na noite do 6, será deslumbrante.

O Concurso Hipico Oficial está despertando o maior entusiasmo entre os aficionados de tão bello numero sportivo. Serão distribuidos premios ar-

rectificar aqueles periodos do interessante artigo do illustre agronomo, muito grato lhe ficará aquelle que se subscreve com a mais elevada estima e consideração.—De V. etc., Alvaro Coelho, Director Geral.

III

Que Guimarães, cidade onde toda a gente fala de patriotismo, pondere o escandalo daquela série de *cónegos* nas cadeiras teóricas da nossa escola industrial. Esse assunto está de pé!



CARTILHA MONARQUICA

CARTILHA DO OPERARIO

PREÇO DE CADA 500 REIS

Pedidos á administração do nosso jornal

Ex.^{mo} Sr.,

tisticos e pecuniarios, estes no total de 6.300 escudos.

Os concertos que a magnifica Banda do Comando Geral da Guarda Nacional Republicana, sob a regencia do maestro Fernandes Fão, e composta de 110 executantes, realizará nas noites de 5 e 6, no recinto da Exposição, estão occasionando o mais vivo e justificado interesse.

CONCURSO PECUARIO

Nos dias 4, 5 e 6 de Agosto de 1923, promovido pela Associação Commercial e Industrial de Guimarães e subsidiado pelo Ministerio da Agricultura.

PREMIOS

Gado bovino (raça barrosã)

- 1.^a Classe — Bois de ceva (junta de bois gordos de 4 a 8 dentes)
 - 1.^o premio, 50000; 2.^o, 20000.
- 2.^a Classe — Touros reprodutores:
 - 1.^o premio (4 a 8 dentes) 4000;
 - 2.^o, (até 2 dentes), 20000.
- 3.^a Classe — Bois de trabalho:
 - 1.^o premio (de 4 a 8 dentes) 4000;
 - 2.^o, (de 4 a 8 dentes), 20000;
 - 3.^o, (até 2 dentes), 15000.
- 4.^a Classe — Vacas afilhadas:
 - 1.^o premio (de 4 a 8 dentes) 3000;
 - 2.^o, (até 2 dentes), 20000.

Gado Cavalari

- 1.^a Classe — Cavalos de sela (4 a 8 anos):
 - 1.^o premio (com a altura minima de 1.^m50) 100000;
 - 2.^o, (idem, idem, idem), 50000;
 - 3.^o, (taca com a altura minima de 1.^m40), 30000.
- 2.^a Classe — Eguas creadeiras (de 4 a 10 anos e terão preferencia as afilhadas):
 - 1.^o premio (com a altura minima de 1.^m50) 3000;
 - 2.^o, idem, idem, de 1.^m30, 2000.
- 3.^a Classe — Poldros ou poldras (até 3 anos):
 - 1.^o premio, 4000;
 - 2.^o, 20000.
- 4.^a Classe — Cavalos ou eguas que mais correr:
 - 1.^o premio, 25000;
 - 2.^o, 15000.

Gado suino

- 1.^a Classe — Varrascos:
 - 1.^o premio, 10000; 2.^o, 5000.
- 2.^a Classe — Porcos de criação:
 - 1.^o premio, 15000; 2.^o, 10000.
- 3.^a Classe — Bacoros:
 - 1.^o premio, 10000; 2.^o, 5000.
- 4.^a Classe — Porcos de ceva (perfeitos e com o maior peso):
 - 1.^o premio, 15000; 2.^o, 10000.

Os donos dos animais concorrentes devem inscrever-se até ao dia 2 de Agosto em casa do Tesoureiro da Associação Commercial de Guimarães, Sr. Camilo Laranjeiro dos Reis, Praça de D. Afonso Henriques, declarando o nome, sexo, idade, nome do proprietario e, sendo possivel, os ascendentes dos animais e as localidades onde foram produzidos, criados ou recriados.